

# Aula 20 – Literatura Mundial (World Literature) em Debate

Olá! Seja muito bem-vindo(a) à nossa vigésima aula. Imagine que você entra em uma livraria em Berlim e encontra, em destaque, um romance de um autor brasileiro que você nunca ouviu falar. Ou talvez, ao conversar com um amigo no Japão, descobre que ambos estão lendo a mesma poeta nigeriana. O que permite que essas histórias cruzem oceanos e fronteiras linguísticas? Que forças invisíveis decidem qual livro de um pequeno país se tornará um fenômeno global, enquanto outros permanecem desconhecidos? Este é o coração do nosso debate de hoje.

Ao final desta aula, você será capaz de navegar por uma das discussões mais vibrantes dos estudos literários contemporâneos. Mais do que apenas definir um conceito, você aprenderá a rastrear a ideia de "Literatura Mundial" desde sua origem com Goethe, analisar criticamente o modelo de circulação proposto por David Damrosch e, o mais importante, questionar as relações de poder por trás do que lemos. Este conhecimento é vital, seja para aprofundar seus estudos acadêmicos, seja para entender as dinâmicas culturais globais, um tema cada vez mais presente em concursos públicos.

Nossa jornada nos levará da esperança de um diálogo universal entre as culturas à realidade de um mercado editorial com centros de poder bem definidos. Vamos analisar o percurso de um best-seller global e, por fim, encarar a grande questão: a globalização da literatura está nos tornando mais diversos ou, sutilmente, mais parecidos? Prepare-se para desvendar os bastidores do mapa literário mundial.

# A Semente de Uma Utopia: Goethe e a *Weltliteratur*

Imagine o início do século XIX. As viagens são lentas e difíceis, a comunicação instantânea é um sonho distante. Nesse cenário, o grande poeta alemão Johann Wolfgang von Goethe está em seu escritório, lendo não um clássico europeu, mas um romance chinês. Essa experiência o impacta profundamente. Ele percebe que, apesar das vastas diferenças culturais, a história ressoa com temas e emoções universais. Ali, ele tem uma epifania: a literatura poderia ser a "propriedade comum da humanidade".

📄 **Conceito-chave:** Goethe não estava propondo que todas as literaturas se fundissem em uma só. O problema que ele enxergava era o **provincianismo**: nações que se fechavam em suas próprias tradições, ignorando a riqueza que existia além de suas fronteiras.

A sua ideia de *Weltliteratur* (Literatura Mundial) era, na verdade, uma proposta de um grande diálogo cosmopolita. A literatura nacional, para ele, já não era suficiente; era preciso abrir as janelas para o mundo.

Pense na *Weltliteratur* de Goethe como uma **orquestra sinfônica global**. Cada nação traz seus instrumentos únicos – suas tradições, suas línguas, suas histórias. A beleza não está em todos tocarem o mesmo instrumento ou a mesma melodia, mas na harmonia que surge quando esses sons distintos dialogam e se complementam. O objetivo não era apagar as diferenças, mas construir pontes de compreensão através delas, reconhecendo um patrimônio humano compartilhado que transcende o nacionalismo. Esse ideal romântico e visionário plantou a semente para tudo o que viria a seguir no campo da literatura comparada.



# De Ideal a Mecanismo: A Visão de David Damrosch

A bela ideia de Goethe de uma "conversa global" permaneceu como um farol por quase dois séculos. Mas, no mundo hiperconectado do século XXI, como essa conversa realmente acontece? Como um livro escrito em islandês chega às mãos de um leitor na África do Sul? Essa pergunta pragmática nos leva diretamente ao trabalho do teórico americano David Damrosch, que revolucionou a forma como entendemos a Literatura Mundial hoje.

Damrosch observou o mundo e percebeu que a Literatura Mundial não é uma lista fixa de clássicos imortais, um "cânone" de grandes livros. Em vez disso, ele propôs que a **Literatura Mundial é um modo de circulação e de leitura**. Ou seja, um livro não *nasce* como literatura mundial; ele *se torna* literatura mundial ao viajar para fora de sua cultura de origem e ser lido em tradução.

A analogia perfeita para a ideia de Damrosch é a de uma **música que ganha um remix**. A melodia original (o texto em sua língua nativa) é a base, mas quando um DJ de outra cultura a remixa, ele adiciona novas batidas, novos ritmos, e a apresenta a um público completamente novo. A música não é "pior" ou "melhor", ela é diferente, enriquecida pela nova interpretação. Para Damrosch, um livro *ganha em tradução*. Ele é "refratado" pela nova língua e cultura, como a luz que, ao passar por um prisma, se decompõe em novas cores. É a jornada e a nova vida que o texto adquire que o transformam em Literatura Mundial.



# O Duplo Foco da Leitura Mundial

Aprofundando o modelo de Damrosch, percebemos que ler uma obra em tradução não é uma experiência simples. Não estamos apenas absorvendo uma história; estamos navegando entre dois mundos: o mundo de onde a obra veio e o nosso próprio mundo. Essa dinâmica é crucial para entender por que a mesma obra pode ser interpretada de maneiras tão diferentes em lugares distintos.



## Cultura de Origem

O contexto original, as referências específicas daquele lugar, a história e os valores da sociedade que produziu a obra.



## Cultura de Chegada

Nossas próprias referências, nossos valores, nossa realidade, o contexto em que recebemos e interpretamos a obra.

Damrosch descreve esse processo como uma **refração elíptica**. Uma elipse, diferente de um círculo, não tem um, mas dois pontos focais. Ao lermos uma obra de literatura mundial, nossa compreensão se move constantemente entre o foco da cultura de origem (o contexto original, as referências específicas daquele lugar) e o foco da cultura de chegada (nossas próprias referências, nossos valores, nossa realidade). A leitura acontece nesse espaço dinâmico entre os dois.

Imagine que você está usando um **par de óculos com lentes bifocais**. Uma parte da lente permite que você veja de perto, focando nos detalhes do seu ambiente imediato (sua cultura). A outra parte permite que você veja de longe, focando no horizonte distante (a cultura da obra). Ler literatura mundial é alternar constantemente entre essas duas visões, entendendo a história tanto em seus termos originais quanto em relação à sua própria vida. Por exemplo, um leitor brasileiro ao ler a obra de Elena Ferrante sobre a Nápoles do pós-guerra, o faz conectando as lutas de classe e a violência urbana daquela realidade italiana com as dinâmicas sociais que ele conhece em seu próprio país.

# O Lado Sombrio da Circulação: Críticas ao Modelo

O modelo de Damrosch é poderoso e otimista. Ele celebra a forma como as obras ganham novas vidas ao redor do mundo. Contudo, essa visão não está isenta de críticas. Se olharmos mais de perto para o "mapa" da circulação literária, notaremos que o tráfego não flui de maneira igual em todas as direções. É aqui que as abordagens pós-coloniais e decoloniais entram em cena, trazendo uma dose de realismo incômodo.

❏ **Problema Central:** O mercado literário global não é um campo de jogo nivelado. Ele é profundamente influenciado por relações de poder históricas e econômicas.

O grande problema é que o mercado literário global não é um campo de jogo nivelado. Ele é profundamente influenciado por relações de poder históricas e econômicas. A esmagadora maioria dos livros traduzidos no mundo vem de um punhado de línguas e centros culturais, principalmente do eixo anglo-americano e europeu. Quais livros de autores africanos, asiáticos ou latino-americanos são escolhidos para serem traduzidos e promovidos globalmente? Geralmente, aqueles que se encaixam em certas expectativas do mercado ocidental.

Pense no sistema literário mundial como um grande **aeroporto internacional**. Existem alguns *hubs* gigantescos, como Londres e Nova York. Voos (traduções) partem desses hubs para todos os cantos do mundo o tempo todo. No entanto, se você quiser voar de um aeroporto regional (por exemplo, de uma literatura em língua suáli) para outro aeroporto regional (uma em língua vietnamita), provavelmente terá que fazer uma conexão em um desses grandes hubs. É muito mais provável que um livro seja traduzido do suáli para o inglês e, só então, do inglês para o vietnamita. Essa hegemonia do inglês como língua-ponte cria um funil que filtra e molda o que o mundo lê.



# A República Mundial das Letras e Seus Pedágios

Para aprofundar essa crítica, podemos recorrer à socióloga francesa Pascale Casanova. Ela não vê o mundo literário como uma conversa amigável, mas como um campo de batalha simbólico, uma "República Mundial das Letras". Essa república tem suas próprias leis, sua capital (historicamente Paris, hoje disputada com Nova York/Londres), sua moeda (o prestígio) e suas fronteiras, que são muito difíceis de cruzar.

01

---

## Autor da Periferia

Escritor de país ou língua com pouco prestígio literário global

03

---

## Prêmio ou Publicação no Centro

Selo de aprovação de Paris, Londres ou Nova York

02

---

## Busca por Consagração

Necessidade de validação pelos centros culturais dominantes

04

---

## Circulação Global

Acesso ao mercado mundial de traduções

Nesse sistema, o poder está concentrado. Autores da "periferia" (a maior parte do mundo) precisam ser "consagrados" pelo centro para ganhar reconhecimento global. Ganhar um prêmio literário importante na Europa ou nos Estados Unidos, ou ser publicado por uma grande editora de lá, funciona como um passaporte para a circulação mundial. Sem esse selo de aprovação, é muito difícil para uma obra viajar.

## O Risco da Descontextualização

Essa dinâmica nos leva ao risco da **descontextualização**. Para que um livro seja "vendável" no mercado global, ele pode ser despido de suas complexidades locais e nuances culturais, sendo embalado de uma forma mais palatável para o leitor estrangeiro.

A analogia aqui é com a **indústria de alimentos**. Um fruto exótico e complexo pode ser processado e transformado em um suco de caixinha com sabor artificial, mais fácil de vender em qualquer supermercado do mundo, mas que perdeu grande parte de suas propriedades originais. Da mesma forma, uma obra literária pode ser "adaptada" para se conformar a um gosto global, correndo o risco de se tornar um estereótipo de sua própria cultura.

# Duas Visões em Perspectiva: Diálogo ou Dominação?

Chegamos a um ponto crucial. De um lado, temos a visão de Damrosch, que foca no enriquecimento que a circulação e a tradução proporcionam, um modelo de ganho e transformação. Do outro, temos as críticas de teóricos como Casanova, que expõem uma estrutura de poder desigual, onde o centro domina a periferia. Como podemos conciliar essas duas perspectivas aparentemente opostas?

**Insight Central:** A chave é entender que elas não são mutuamente excludentes. Elas descrevem facetas diferentes do mesmo fenômeno complexo.

## Modelo de Damrosch

Oferece o *mecanismo ideal* da Literatura Mundial – como as obras interagem e criam novos significados através das culturas.

## Visão Crítica

Mostra as *condições reais* em que esse mecanismo opera – um sistema influenciado por dinheiro, poder e legados coloniais.

Pense na diferença entre as **regras oficiais de um esporte e a forma como o jogo é realmente jogado**. As regras (o modelo de Damrosch) podem prever um jogo justo e equilibrado, onde a habilidade prevalece. A realidade do jogo (a visão crítica), no entanto, mostra que alguns times têm mais recursos, melhores campos de treinamento e, por vezes, até a arbitragem a seu favor. Ambas as visões são necessárias para entender o que está acontecendo. A Literatura Mundial é, ao mesmo tempo, um espaço de potencial diálogo intercultural e um campo de disputa por visibilidade e poder.

## Síntese Comparativa

Perspectiva	Foco Principal	Metáfora Central	Risco Apontado
David Damrosch	Circulação e Tradução	Remix Musical	Perda de significado na tradução
Críticas (Casanova)	Poder e Hegemonia	República Exclusiva	Homogeneização cultural
Pós-Colonial	Legados históricos	Eco do império	Reforço de estereótipos
Decolonial	Descolonização do saber	Criação de novas rotas	Manutenção da invisibilidade

# Estudo de Caso: O Percurso Global de Haruki Murakami

Vamos sair da teoria e analisar um caso real. O escritor japonês Haruki Murakami é, sem dúvida, um dos maiores fenômenos da literatura mundial contemporânea. Seus livros são vendidos em milhões de cópias em dezenas de idiomas. Mas como ele chegou lá? Seu percurso ilustra perfeitamente as tensões que discutimos.

## Elementos-Chave do Sucesso

- Obra marcada por influências da cultura pop ocidental: jazz, rock clássico, filmes de Hollywood
- Familiaridade temática e estilística que facilitou entrada no mercado anglo-americano
- Consagração inicial nos Estados Unidos nos anos 90
- Sucesso no "centro" que catapultou carreira globalmente
- Traduções para outras línguas frequentemente a partir da versão em inglês

Este é um exemplo clássico da rota **"periferia → centro → periferia"**. O selo de aprovação do mercado americano funcionou como um passaporte para o resto do mundo. Isso levanta um debate fascinante: o sucesso de Murakami se deve à sua autenticidade japonesa ou à sua capacidade de criar uma estética "globalizada", familiar a leitores de diferentes culturas? Ele é um embaixador da cultura japonesa ou um produto de um mercado literário que privilegia obras que já "falam a sua língua"? A resposta não é simples e revela a complexidade do sistema em ação.

# Estudo de Caso: O Fenômeno Elena Ferrante



Agora, vejamos um caso que parece desafiar a lógica do mercado: a misteriosa escritora italiana que assina como Elena Ferrante. Sua "Tetralogia Napolitana" se tornou uma febre mundial, mas seu caminho foi muito diferente do de Murakami. Seus livros são o oposto do "globalizado": são densamente locais, mergulhados na cultura específica, na violência e no dialeto de um bairro pobre de Nápoles.

## Por Que Uma História Tão Específica Ressoou Globalmente?



### Amizade Feminina

A complexidade das relações entre mulheres, com suas tensões, rivalidades e apoio mútuo



### Luta de Classes

A brutalidade da desigualdade social e a tentativa de escapar das próprias origens



### Violência Patriarcal

A violência estrutural do patriarcado que permeia todas as esferas da vida

A resposta parece estar na forma como a autora conecta a extrema localidade com temas universalmente poderosos. A experiência de Lenu e Lila, embora napolitana, tocou em algo fundamental da experiência humana contemporânea.

**Lição Importante:** O caso Ferrante sugere que o caminho para o global nem sempre passa pela homogeneização. Às vezes, é o mergulho radical no particular que permite o acesso ao universal.

A tradução de sua obra foi um desafio imenso – como transmitir a textura do dialeto napolitano? – e isso evidencia a tradução como um ato criativo fundamental. Ferrante nos mostra que, apesar da força do mercado, há um desejo profundo dos leitores por autenticidade e por janelas para mundos radicalmente diferentes dos seus. Sua obra não foi formatada para o mundo; o mundo se esforçou para entendê-la.

# As Novas Ferramentas: Humanidades Digitais e "Leitura Distante"

Nossa análise até agora foi qualitativa, baseada em teorias e estudos de caso. Mas e se pudéssemos visualizar os fluxos da literatura mundial com dados concretos? E se pudéssemos mapear, em escala global, quais livros são traduzidos, de onde e para onde? É exatamente isso que um campo emergente chamado **Humanidades Digitais** se propõe a fazer.

O conceito de "leitura distante" (*distant reading*), popularizado pelo pesquisador Franco Moretti, propõe uma mudança de escala radical. Em vez de uma "leitura atenta" (*close reading*) de poucos textos, a leitura distante usa o poder computacional para analisar milhares ou até milhões de livros simultaneamente, em busca de padrões que seriam invisíveis ao olho humano.



## Leitura Atenta

Análise profunda de textos individuais, foco nos detalhes, interpretação qualitativa



## Leitura Distante

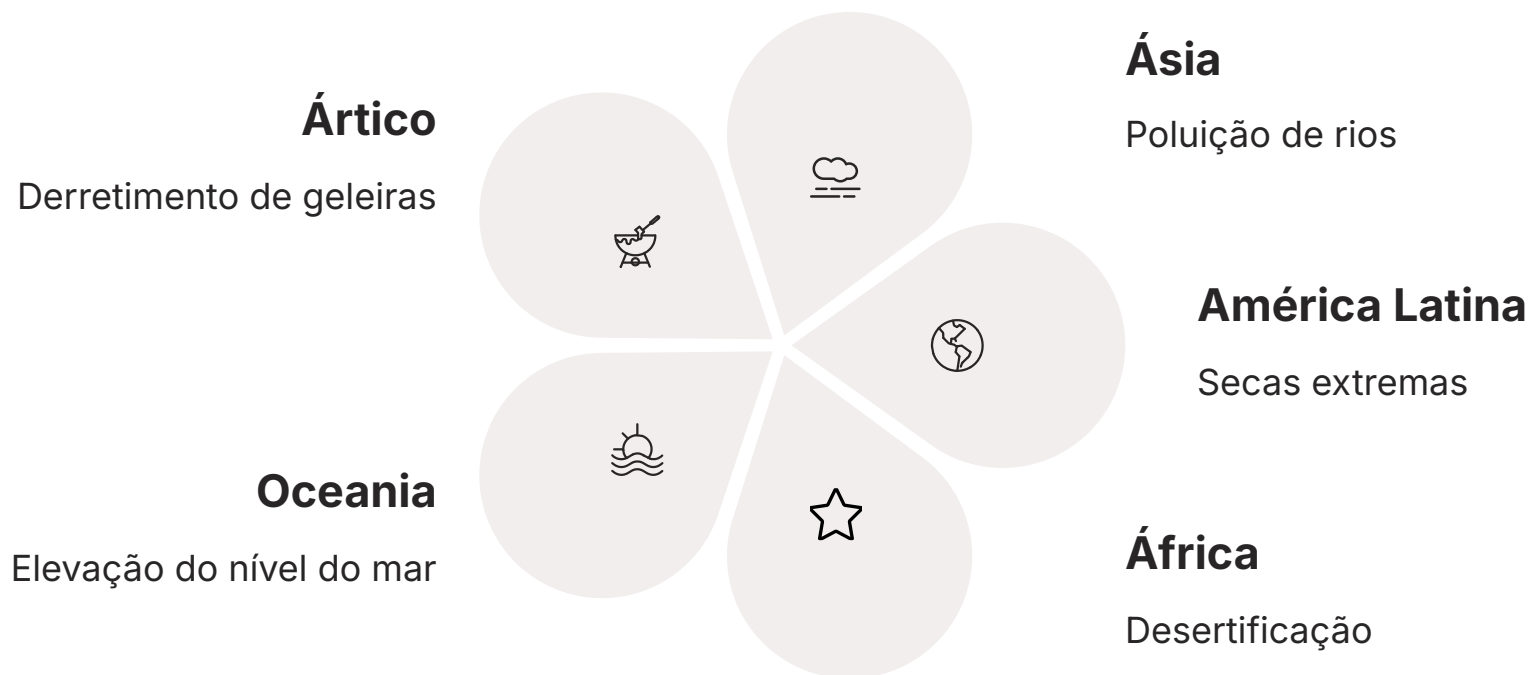
Análise de grandes volumes de dados, identificação de padrões, visualização quantitativa

Pense nisso como a diferença entre ser um **artesão que examina uma única árvore com uma lupa** e ser um **satélite que mapeia a floresta inteira**. O artesão (leitura atenta) vê os detalhes da casca, as folhas, os veios da madeira. O satélite (leitura distante) não vê folhas individuais, mas consegue identificar padrões de desmatamento, o impacto de uma seca ou as rotas de migração de animais. Da mesma forma, a leitura distante pode nos mostrar, com gráficos e mapas, a hegemonia de certas línguas, a ascensão e queda de gêneros literários ao longo de décadas ou até mesmo como o tamanho médio das frases muda quando um romance é traduzido do francês para o inglês. Essas ferramentas não substituem a análise crítica, mas oferecem evidências quantitativas poderosas para testar as teorias que discutimos.

# Um Ponto de Encontro Urgente: Ecocrítica e Literatura Mundial

Em meio a debates sobre mercado e poder, um tema de importância crescente está criando novas e urgentes conexões globais: a crise ambiental. A **Ecocrítica**, campo que estuda a relação entre literatura e o meio ambiente, tornou-se um dos terrenos mais férteis para a literatura mundial, muitas vezes contornando as rotas comerciais tradicionais.

📄 **Por Quê?** A razão é simples: a crise climática é um problema inerentemente global. Um romance que narra o derretimento de geleiras na Groenlândia, um poema sobre a poluição de um rio na Índia e uma peça de teatro sobre a seca no Nordeste brasileiro estão, queiram ou não, participando da mesma conversa global.



O tema compartilhado cria uma necessidade de diálogo que transcende as barreiras do mercado editorial.

A ecocrítica transforma o mapa da literatura mundial em uma espécie de **rede de monitoramento ambiental planetária**. Cada obra literária funciona como um sensor sensível, registrando como uma cultura específica processa, sente e responde à crise ecológica. Ao ler e comparar essas histórias de diferentes ecossistemas e sociedades, não estamos apenas aprendendo sobre outros lugares; estamos construindo uma compreensão mais complexa e multifacetada de um destino que, em última análise, compartilhamos. Isso mostra como a literatura mundial pode ser impulsionada não apenas pelo mercado, mas também pela necessidade.

# O Protagonista Oculto: Os Estudos da Tradução

Falamos de tradução em quase todas as páginas, mas muitas vezes a tratamos como um processo técnico e invisível. No entanto, o campo dos **Estudos da Tradução** a posiciona como uma prática crítica e criativa central, o verdadeiro motor da literatura mundial. O tradutor não é um mero mensageiro; ele é um segundo autor, um mediador cultural que toma milhares de decisões cruciais.

## A Complexidade do Trabalho

- Como traduzir uma piada que só faz sentido em uma cultura específica?
- Como recriar em outra língua um poema cuja beleza reside no som e no ritmo das palavras originais?
- Como preservar nuances culturais sem tornar o texto incompreensível?

### Domesticação

Suavizar as "estranhezas" do texto original para que ele soe natural e familiar na nova língua

### Estrangeirização

Preservar deliberadamente a "estranheza" do texto, forçando o leitor a lembrar que está diante de uma obra de outro universo cultural

## Exemplo Clássico

A primeira frase de "O Estrangeiro", de Albert Camus: *"Aujourd'hui, maman est morte."*

Traduzir como *"Hoje, mamãe morreu."* ou *"Hoje, minha mãe morreu."?*

"Mamãe" (maman) soa infantil, íntimo, e a escolha muda completamente o tom da voz do narrador.

A decisão do tradutor não é apenas linguística; é interpretativa e molda toda a experiência de leitura. Ver a tradução como este ato complexo e criativo é fundamental para qualquer estudioso da literatura comparada.



# O Grande Debate: A Literatura Mundial Promove a Diversidade ou a Homogeneização?

Chegamos à questão central que permeia toda a nossa discussão. Depois de analisar as teorias, os casos e as forças em jogo, qual é o veredito? A explosão da circulação global de livros está criando uma tapeçaria cultural mais rica e diversificada, ou está, ao contrário, aplainando as diferenças e promovendo um tipo de "literatura de aeroporto", facilmente consumível em qualquer lugar do mundo?

## Argumentos a Favor da Diversidade

- Acesso sem precedentes a vozes de todos os lugares do mundo
- Leitor pode descobrir romances islandeses, quadrinhos sul-coreanos, épicos chineses
- Exposição a outras realidades gera empatia e compreensão
- Questionamento de preconceitos e ampliação da visão de mundo
- Celebração da multiplicidade cultural

## Argumentos a Favor da Homogeneização

- Circulação não é aleatória, mas altamente filtrada
- Privilégio de obras que não desafiam convenções ocidentais
- Fenômeno do "selo de qualidade" que apaga singularidades
- Pressão para ser traduzível e vendável
- Incentivo a linguagem e estilo mais genéricos
- Perda de diversidade a longo prazo

📌 **Conclusão Nuançada:** A resposta, provavelmente, não é nem uma coisa nem outra. A literatura mundial é um campo de batalha, um espaço de tensão constante entre as forças do mercado que empurram para a uniformidade e a infinita criatividade dos escritores que insistem na diferença. O resultado final ainda está sendo escrito.

# Síntese e Aplicação Prática

Nossa jornada nos levou do idealismo de Goethe, sonhando com um diálogo entre nações, à análise pragmática de Damrosch sobre como os livros viajam e ganham novos significados. Confrontamos essa visão com a dura realidade do poder no mercado editorial, como apontado por Casanova, vendo como esses sistemas moldaram as carreiras de autores como Murakami e Ferrante. Exploramos também como novas ferramentas digitais e desafios globais, como a crise climática, estão redesenhando o mapa da literatura mundial. A conclusão é que "Literatura Mundial" não é um objeto, mas um debate contínuo e fascinante sobre poder, cultura e o futuro das histórias.

## Em Prática: Como Usar Este Conhecimento

### 1 Leia o tradutor

Ao pegar um livro traduzido, procure saber quem o traduziu. Veja a tradução não como uma cópia, mas como uma interpretação.

### 2 Investigue o percurso

Diante de um best-seller global, pergunte-se: qual foi sua trajetória? Ele foi "validado" por qual centro cultural?

### 3 Saia da rota principal

Busque ativamente editoras independentes que publicam autores de países ou regiões que você conhece pouco.

### 4 Pense com "refração"

Analise como sua própria bagagem cultural influencia a maneira como você interpreta uma obra de outra parte do mundo.

### 5 Aplique o modelo centro-periferia

Ao ler notícias sobre cultura, observe quais vozes e estéticas estão sendo amplificadas e quais permanecem à margem.

# Consolidação e Próximos Passos

Entender o debate sobre "Literatura Mundial" é, em essência, aprender a ler o mundo de forma mais crítica. Não se trata de memorizar uma lista de livros, mas de desenvolver uma consciência sobre como as histórias viajam, quem controla os mapas e o que se ganha e se perde nesse trânsito. É uma ferramenta para se tornar um leitor e um cidadão mais atento às complexas dinâmicas culturais do nosso tempo.

## Autoavaliação

### Questão 1

De acordo com a teoria de David Damrosch, uma obra se torna "Literatura Mundial" principalmente quando:

- a) É considerada um clássico em seu país de origem.
- b) É escrita em inglês, a língua franca global.
- c) Circula para além de sua cultura de origem e é lida em tradução.
- d) Vence prêmios literários internacionais de grande prestígio.

### Questão 2

A crítica de Pascale Casanova ao sistema literário global, com sua "República Mundial das Letras", foca principalmente em:

- a) Na baixa qualidade das traduções literárias atuais.
- b) Na falta de interesse dos leitores por obras estrangeiras.
- c) Na hegemonia de centros culturais (como Paris, Londres, Nova York) que validam e consagram obras da periferia.
- d) Na excessiva influência de temas políticos sobre a criação literária.

### Questão 3

(Estilo Banca) Ao comparar os casos de Haruki Murakami e Elena Ferrante como fenômenos da literatura mundial, infere-se que:

- a) Ambos seguiram a mesma trajetória de consagração via mercado norte-americano.
- b) O sucesso global depende invariavelmente da adoção de uma estética "globalizada", minimizando traços locais.
- c) A intensa localidade de uma obra pode ser um obstáculo intransponível para sua circulação internacional.
- d) Existem diferentes caminhos para a circulação global: um pode se beneficiar de uma estética transnacional, enquanto outro pode ter sucesso justamente por sua especificidade radical.

### Questão 4

O conceito de "leitura distante" (*distant reading*), associado às Humanidades Digitais, propõe:

- a) Uma leitura superficial e rápida de obras literárias.
- b) A análise de um grande volume de textos com ferramentas computacionais para identificar padrões em larga escala.
- c) Ler apenas as obras de culturas muito distantes da do leitor.
- d) Uma técnica de interpretação que ignora o contexto histórico do autor.

## Questão Discursiva

Explique, com suas palavras, o que significa a afirmação de que a tradução pode ser um ato tanto de "domesticação" quanto de "estrangeirização" e por que essa distinção é importante para o debate sobre Literatura Mundial.

# Gabarito e Próximos Passos

## 1-C

### Questão 1

Circula para além de sua cultura de origem e é lida em tradução

## 2-C

### Questão 2

Hegemonia de centros culturais que validam obras da periferia

## 3-D

### Questão 3

Diferentes caminhos para circulação global

## 4-B

### Questão 4

Análise de grande volume com ferramentas computacionais

## Resposta Esperada (Discursiva)

- ☐ A resposta deve explicar que "domesticação" é a estratégia de adaptar o texto para que ele soe familiar e fluente na cultura do leitor, apagando suas "estranhezas", enquanto "estrangeirização" busca preservar essas características estrangeiras para desafiar o leitor. A importância disso reside no fato de que a domesticação pode facilitar a venda de um livro, mas corre o risco de homogeneizar a cultura e reforçar uma visão de mundo dominante. Já a estrangeirização promove um encontro mais autêntico com a diversidade cultural, mesmo que seja mais desafiadora para o leitor.

---

## Conexão com a Próxima Aula

Agora que entendemos as macrodinâmicas que movem a literatura pelo globo, estamos preparados para dar um zoom nas zonas de contato. Na **Aula 21 – Literaturas de Fronteira: Hibridismo e Identidade**, vamos explorar as obras que nascem exatamente na intersecção entre culturas, línguas e nações. Veremos como o hibridismo e a experiência da fronteira criam algumas das formas literárias mais inovadoras e poderosas do nosso tempo.

## Recursos Adicionais

- **Livro:** *O que é a Literatura Mundial?*, de David Damrosch – Essencial para aprofundar na teoria da circulação e refração.
- **Website:** Words Without Borders ([wordswithoutborders.org](http://wordswithoutborders.org)) – Uma revista online de alta qualidade dedicada a publicar e promover a literatura contemporânea em tradução.
- **Artigo:** "A República Mundial das Letras", de Pascale Casanova – Uma introdução fundamental à sua análise sociológica do campo literário.